
Artigo de Pesquisa

No cotidiano das baianas de acarajé: relações no trabalho e o uso dos espaços públicos

Michele Damásio de Jesus¹, Juliana Aparecida de Oliveira Camilo²

¹ [https://orcid.org/0000-0002-9655-4600/](https://orcid.org/0000-0002-9655-4600) Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

² [http://orcid.org/0000-0003-3369-2878/](http://orcid.org/0000-0003-3369-2878) Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

Resumo

Neste artigo, buscamos apresentar no cotidiano das baianas de acarajé, que atuavam nas praias da Barra em Salvador- BA, como se relacionavam com o ambiente de trabalho e o uso dos espaços públicos. Utilizando a metodologia qualitativa e a epistemologia construcionista, além de adotar os princípios da Teoria Ator-Rede para compreender as interações entre os atores humanos e não humanos neste contexto. Como resultado, foi observado que as baianas enfrentam dificuldades relacionadas à falta de estrutura adequada, questões de segurança urbana e restrições impostas pelo poder público. O estudo contribuiu para a compreensão das sociabilidades envolvidas no trabalho das baianas de acarajé, além de fornecer reflexões para a auxiliar na formulação de políticas públicas que possam promover melhores condições de trabalho e valorização da cultura local.

Palavras-chave: Cotidiano; Construcionismo; Teoria ator-rede; Baiana de acarajé; Praia

In the daily lives of Bahian women from acarajé: relationships at work and the use of public spaces

Abstract

Abstract

In this article, we seek to present the daily lives of Bahian acarajé women, who worked on the beaches of Barra in Salvador-BA, how they related to the work environment and the use of public spaces. Using qualitative methodology and constructionist epistemology, in addition to adopting the principles of Actor-Network Theory to understand interactions between human and non-human actors in this context. As a result, it was observed that Bahian women face difficulties related to the lack of adequate structure, urban security issues and restrictions imposed by public authorities. The study contributed to the understanding of the sociability involved in the work of Bahian acarajé women, in addition to providing reflections to assist in

Submissão: 17/03/2024

Aceite: 24/02/2025

Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni

Editora de Leitura: Gracilene Paiva Araujo

Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Jesus, M. D. de & Camilo, J. A. de O. (2025). No cotidiano das baianas de acarajé: relações no trabalho e o uso dos espaços públicos. *Trabalho (En)Cena*.

10 (contínuo), e025010. 01-30.

<https://doi.org/10.20873/2526-1487e025010>

the formulation of public policies that can promote better working conditions and appreciation of local culture.

Keywords: Daily life; Constructionism; Actor-network theory; Bahian acarajé; Beach

Ao pesquisarmos no cotidiano, somos participantes dos acontecimentos, em espaços mais ou menos públicos, compartilhando expectativas e normas, como anuncia Mary Jane Spink (2007). O cotidiano compõe as ações no dia a dia, a noção de cotidiano e de lugar concordam entre si, além disso, o conhecimento que está situado em um lugar pode repercutir em muitos lugares (Cordeiro et al., 2023). Corroborando com Peter Spink (2008), que afirma que o cotidiano se compõe de diversos micro-lugares e que não deve ser visualizado como algo eventual, pois assim como os lugares, os micros-lugares, somos nós, que os construímos coletivamente e sem fim.

Sendo assim, baseado na epistemologia construcionista, que propõe que o conhecimento e a realidade são construções coletivas resultantes das interações sociais e do uso da linguagem, permitindo a percepção da realidade como um fenômeno dinâmico, social e histórico (Spink et al., 2014), este estudo foi realizado, tendo como objetivo apresentar no cotidiano das baianas de acarajé, que atuavam nas praias da Barra em Salvador- BA, como se relacionavam com o ambiente de trabalho e o uso dos espaços públicos.

As baianas de acarajé são figuras emblemáticas da cultura baiana e desempenham um papel significativo no comércio informal em Salvador - BA. Desde o período colonial, essas mulheres percorriam as ruas com tabuleiros na cabeça, vendendo iguarias da culinária de origem africana, conforme registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007).

Ao longo do tempo, elas foram ocupando os espaços públicos de maneiras diversas, participando de festas tradicionais e eventos culturais, sendo reconhecidas em 2004 como parte do patrimônio imaterial do Brasil pelo IPHAN. Esse reconhecimento contribuiu para a valorização do trabalho dessas mulheres, que gera ganhos monetários para o estado e país, aspecto fundamental da economia e do turismo e para a preservação da cultura baiana e da ancestralidade africana.

As baianas comercializam o acarajé, iguaria típica da culinária baiana, feita à base de feijão-fradinho, cebola e azeite de dendê (Reina, 2020), que desempenha um papel relevante na cultura e identidade do estado da Bahia. O acarajé é um símbolo vivo das tradições afro-

brasileiras e representa a história e herança cultural dos povos africanos que foram trazidos como escravizados para o Brasil (IPHAN, 2007).

Além do sabor marcante, o acarajé também é conhecido por sua riqueza simbólica. Ele está associado a celebrações religiosas, como as festas do candomblé, onde é oferecido como alimento sagrado aos orixás. Roger Bastide (1960) informou não ser possível dissociar a relação religiosa da cozinha africana. Essa ligação com a religiosidade afro-brasileira reforça a influência cultural do acarajé na Bahia.

O fator cultural faz com que as baianas licenciadas utilizem roupas características, como saias rodadas e volumosas, torsos na cabeça e acessórios de contas coloridas (Coelho, 2022). Em Salvador- BA, de acordo com o Decreto Número 26804, de 01 de dezembro de 2015, estas profissionais passam por um processo de regulamentação que inclui: a) pedido de licença, utilizando requerimento direcionado a Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEMOP), onde consta a indicação do local do tabuleiro; b) apresentação de documentos, como: documentos pessoais, comprovante de residência no município, atestado de saúde, declaração de antecedentes criminais e declaração do local que produz os alimentos; e, c) pagamento de taxa. A regulamentação é feita pela SEMOP, o órgão concede a licença e a fiscaliza.

As baianas de acarajé estão presentes em diversos pontos turísticos de Salvador, como o Pelourinho, o Elevador Lacerda, o Mercado Modelo, a Igreja do Senhor do Bonfim e várias praias ao longo do litoral da cidade. De acordo com o relato de Clarice dos Anjos, uma das baianas participantes do dossiê do ofício das baianas de acarajé, realizado pelo IPHAN, é evidente que "A orla de Salvador não existe sem acarajé" (IPHAN, 2007, p.44).

Nesse estudo, destacamos as praias urbanas localizadas no bairro da Barra, conhecidas como Porto da Barra e Farol da Barra, que são consideradas cartões postais da cidade, devido à sua beleza natural e atrativos culturais. Essas praias são espaços públicos, locais de encontro e de sociabilidades entre turistas e os/as trabalhadores/as locais, sendo frequentadas também pelos moradores/as da região devido à sua localização urbana. Além de ser palco de diversos eventos culturais, a exemplo do carnaval. Um espaço que é diretamente impactado pelo comércio informal, motivado pela utilização do espaço por milhares de pessoas para o lazer, necessitando assim da oferta de bens e serviços diversos demandada pelo consumo das/os turistas e frequentadoras/es (Araújo, Silva-Cavalcanti, Vicente-Leal & Costa, 2012).

Esse cenário de trabalho complexo e a luta histórica dessas trabalhadoras exerceu um papel fundamental na seleção das participantes deste estudo, aliados à minha paixão pela culinária baiana e ao interesse primordial em compreender a rotina das mulheres que atuam como baianas de acarajé. Porém, é relevante mencionar que, durante a observação em campo,

alguns homens foram percebidos atuando como baianos de acarajé; todavia em números significativamente menores, o que corrobora com pesquisas conduzidas por Lilian Magalhães (2012), Vagner Santos (2013) e Adriana Souza (2014), que identificaram menor presença de baianos de acarajé em comparação com as baianas.

O ambiente das praias, local de pesquisa, indica dificuldades, principalmente relacionadas à falta de estrutura adequada para o trabalho das baianas e questões de segurança urbana. De acordo com a pesquisa realizada por Adriana Souza (2014), ter a licença não é garantia de trabalhar com tranquilidade em espaços públicos, pois quando o poder público necessita daquele espaço, as baianas são informadas a saírem sem possibilidade de diálogo.

Apesar dessas adversidades, as baianas de acarajé conseguem se organizar em associação, o que lhes permite reivindicar seus direitos e defender seu ofício. A Associação Nacional das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivos da Bahia (ABAM) representa essas trabalhadoras e tem como objetivo primordial defender e apoiar a profissão da baiana de acarajé. A ABAM atua na luta pela regulamentação da atividade das baianas de acarajé, buscando garantir seus direitos trabalhistas e a preservação da cultura baiana e brasileira. Além disso, a associação promove cursos de capacitação para baianas de acarajé, visando aprimorar suas técnicas de preparação e gestão de negócios.

Este contexto compreende uma rede de atores/as humanos (baianas de acarajé, turistas, trabalhadores, moradores...) e não humanos (acarajé, carnaval, praia, licença, associação...), essenciais para esta pesquisa, já que de acordo os princípios da Teoria Ator-Rede (TAR), as/os pesquisadoras/es são convidadas/os a observarem o campo de forma ampla, se atentando aos elementos humanos e não-humanos em um movimento simétrico de forças (Latour, 2012). A proposta da TAR de acordo com Patrícia Camillis, Camila Bassular e Claudia Antonello (2016, p. 77) é “que se lance um olhar para “quem” e “o quê” participa da ação, e esse “o quê” a teoria chama de não humanos”.

Método

Este estudo faz parte de um projeto amplo realizado pelo Núcleo de Estudos em Trabalho e Esporte (NETE), intitulado "Trabalhar no litoral: um retrato dos trabalhadores nas praias de Salvador". O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e registrado sob o número 56893522.9.1001.5686 na Plataforma Brasil.

Especificamente para a presente pesquisa, optamos por realizá-la nas praias da Barra, em Salvador, Bahia, um bairro de classe média alta que atrai turistas de diversas cidades

brasileiras e estrangeiros, especialmente durante o verão, bem como eventos festivos e culturais. A escolha do referido local se deu por ser mais sujeito às ações fiscalizadoras do poder público, por apresentar questões ambientais, como o descarte inadequado de lixo, além de episódios de balneabilidade imprópria da água em determinados períodos do ano (Silva Alves et al., 2020). Características que tendem a impactar negativamente no cotidiano das baianas de acarajé que atuam nesse ambiente.

Ao conhecer um pouco da história envolvendo o trabalho das baianas de acarajé (IPHAN, 2007), vislumbramos a oportunidade de tê-las como sujeitos/participantes desta pesquisa, e estudar seu cotidiano, que representa a resistência das mulheres trabalhadoras perante as dificuldades sócio-histórico-cultural enfrentadas, sendo parte integrante da história da Bahia.

Produção de informações

A produção de informações ocorreu por meio de observações e conversas no cotidiano, descritas a seguir em subtópicos - Passo 1 e Passo 2 -. Ao considerar o cenário de pesquisa um ambiente de trabalho dinâmico, com atendimento ao público e preparação dos produtos a serem comercializados de forma simultânea, a escolha pelas conversas no cotidiano foi a mais adequada, pois, conforme Peter Spink (2008, p. 72) “ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados”.

A escolha por observações e conversas se fundamenta no construcionismo social, que vê o conhecimento como construído contextualmente e emergente das interações sociais (Spink et al., 2014). Ao valorizar a subjetividade e os significados compartilhados, essa abordagem permite uma compreensão profunda das práticas e narrativas das baianas de acarajé, capturando a riqueza de seus contextos sociais e culturais.

Nestas etapas, como instrumento, foi utilizado o diário de campo - ator não humano -, que desempenhou um papel fundamental, sendo ele preenchido por meio do aplicativo *Google Docs* instalado no dispositivo móvel (telefone celular). Todos os registros foram realizados (diário de campo) através de gravação de voz com transcrição simultânea, possibilitando documentar o máximo de detalhes do campo tema.

Durante as observações, um formulário - ator não-humano -, foi utilizado como um instrumento organizador no *Google Forms*, com o intuito de otimizar o tempo das anotações e organizar as informações, sendo então compartilhadas com o Grupo de Estudo NETE por meio de pastas de documentos no *Google Drive*. Além disso, ocorreram encontros com o NETE, nos quais as minhas considerações foram apresentadas e discutidas, o que é fundamental para a

construção do conhecimento, como sinalizam Mary Jane Spink, Jacqueline Brigagão, Vanda Nascimento e Mariana Cordeiro (2014). Após análise, foi determinado que, devido à repetição das informações, e com o consenso da coletividade participante, como orienta Peter Spink (2009), as conversas no cotidiano das baianas de acarajé deveriam ser iniciadas.

Já nas conversas no cotidiano, um roteiro norteador foi elaborado com o objetivo de direcionar temáticas a serem abordadas nessas conversas, que tinham o intuito de caracterizar o trabalho das baianas de acarajé que atuavam em praias turísticas de Salvador e como ocorrem suas relações com o ambiente de trabalho e uso dos espaços públicos. Todos os diálogos foram gravados em áudio com a devida autorização das participantes, utilizando o aplicativo *Voice Recorder* instalado no celular. E transcritas, utilizando o aplicativo de texto *Word* e a funcionalidade digitar/voz, sendo possível realizar a transcrição de forma mais rápida, porém, devido a ruídos do ambiente, houve a necessidade de novas audições para correções do texto, já que a ferramenta não conseguiu reconhecer todas as palavras. Esse material foi tabulado no Google Planilhas, de acordo com os contextos abordados nas conversas.

A elaboração e validação desses instrumentos ocorreram em colaboração com o Grupo de Estudo NETE.

Passo 1: observações

No dia 04/06/2022, em uma manhã ensolarada de sábado, foi realizada a primeira observação nas praias da Barra. Todas as informações referentes à idade, cor da pele e gênero das/os trabalhadoras/es aqui relatados, estão de acordo com a percepção em campo; ou seja, não ocorreu autodeclaração das trabalhadoras/es.

O comércio na região é diversificado, especialmente no segmento alimentício, destacando-se a venda de produtos como queijo coalho, amendoim, ostras, picolés, algodão doce, salgados fritos e assados, acarajé, pirão de aipim com carne do sol, quentinhos, açaí e empadas. Os bares e restaurantes localizados próximos ao calçadão indicavam um perfil característico da economia formal, enquanto na faixa de areia é possível observar o comércio informal, onde encontramos caixas térmicas, cadeiras, sombreiros e tabuleiros de acarajé, posicionados próximos ao paredão de pedra que separa o calçadão da faixa de areia. Essa constatação está em consonância com as descobertas da pesquisa de Luís Guilherme Andrade (2016), que destacou o Porto da Barra como um local de intenso comércio formal e informal.

No início da observação, dois trabalhadores ofereciam cadeiras e sombreiros para uso na faixa molhada da praia. Esses trabalhadores, aparentando ter entre 25 e 30 anos de idade e cor da pele preta, utilizavam camisetas coloridas com o nome da caixa térmica correspondente

ao serviço oferecido. Notei que eles não utilizavam roupas ou acessórios de proteção solar. Ao informar que não tinha interesse pelo serviço e produto ofertado, os dois trabalhadores envolveram-se em uma discussão agressiva entre si, alegando que um havia abordado primeiro do que o outro, resultando em ameaças e xingamentos.

Próximo à faixa molhada da praia, havia um vendedor de chapéus e viseiras, ainda um pouco distante de mim, oferecendo-me seus produtos e chamando-me de "morena". Ao se aproximar, percebeu o equívoco na referência à cor da minha pele, então o vendedor ajustou sua abordagem, mencionando que todos somos da mesma raça, filhos de Deus e humanos. Essa situação gerou um momento de risadas compartilhadas entre ambos, considerando o humor da situação. Todavia, também me provocou reflexões sobre a dinâmica racial em uma cidade onde predominantemente a população é composta por pessoas pretas e pardas.

Lélia Gonzalez (1984) examina como a colonização moldou as identidades raciais e de gênero no Brasil, destacando o uso dos termos "mulata" ou "morena" como formas de racismo velado e exotização das mulheres negras. Esses termos não são neutros, mas carregam conotações de hipersexualização e subordinação. A reflexão sobre essa situação sugere que, apesar da miscigenação ser celebrada como símbolo de harmonia racial, ela frequentemente mascara as hierarquias raciais e a persistência de estereótipos que sustentam a desigualdade social no Brasil.

É possível que o trabalhador já tenha vivenciado situações de preconceito ou discriminação com base em sua cor de pele, ou ainda que tenha sido corrigido por alguns por se crerem brancos? Assim, é compreensível que ele tenha ajustado sua abordagem.

A reflexão sobre o episódio destaca a importância de se compreender o racismo em suas diversas manifestações e contextos. Em especial em ambiente de trabalho - praia urbana em bairro de classe média alta - predominantemente composto por trabalhadores/as de cor de pele preta e consumidores de cor de pele mais clara ou branca que, possivelmente, reivindicam a branquitude.

De acordo com Lia Schucman (2014) é uma posição de privilégio na sociedade, concedida aos indivíduos classificados como brancos, para acessar recursos materiais e simbólicos, desde o período colonial, perpetuando até a contemporaneidade. Vê-se aqui que o racismo vivenciado pode manifestar-se de diferentes formas. Pode haver casos de discriminação racial, microagressões, ou até mesmo a falta de representatividade e de oportunidades iguais.

Após esse episódio, optei por estabelecer a base de observação na faixa de areia molhada da praia, que se estendeu por aproximadamente quatro horas. Lá tive a oportunidade de interagir

com diversas/os trabalhadoras/es que ofereciam produtos e serviços aos/as banhistas. Assim, notei condições precárias de trabalho, como pessoas carregando o peso dos itens comercializados utilizando caixas térmicas, sacolas ou bastões de madeira apoiados nos ombros.

Uma mulher de 30 anos, de pele cor preta, a qual caminhava na areia quente anunciando os itens do seu tabuleiro, vestindo camiseta, short e descalça, aparentando cansaço, me chamou atenção: era uma das baianas de acarajé que atuava naquele espaço...havia dezenas delas. Outra baiana de acarajé, de 65 anos, de pele cor preta e vestindo um torço verde na cabeça, foi observada sentada próxima a um paredão de pedra batendo a massa do acarajé, era perceptível que havia desgaste físico decorrente daquela rotina laboral, pois tinha o olhar cansado, não expressava alegria em sua face, ao contrário, havia rugas na testa que iam além da idade, eram de exaustão.

Nos dias 22/01/2023 e 29/01/2023, foram realizadas observações direcionadas ao trabalho das baianas de acarajé, no cotidiano de seis tabuleiros. Utilizando a câmera do celular, registros fotográficos foram feitos. Todas as imagens foram catalogadas com nome, localização do tabuleiro e data da observação, com detalhes voltados ao ambiente, equipamentos, descrição do ciclo produtivo, divulgação, impressões gerais das trabalhadoras, idade aproximada, vestimentas, interações com os clientes, com o ambiente, com as pessoas e com os objetos.

Passos 2 - Conversas no cotidiano

As conversas no cotidiano das baianas de acarajé transcorreram de forma tranquila, ainda que com interrupções para atender os/as clientes que periodicamente chegavam ao tabuleiro. Cabe ressaltar que, antes de cada conversa, foi feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e posteriormente assinados pelas participantes. Todos os TCLEs foram digitalizados e arquivados, pois a pesquisa científica construcionista produz conhecimento, de forma cooperada, respeitando as normas e os procedimentos dos comitês de ética (Gomes & Jesus, 2020).

Totalizando nove diálogos. As datas e durações estão registradas no Quadro 1, fornecendo informações sobre a abrangência temporal do estudo e permitindo a visão do processo de produção das informações.

Quadro 1

Datas e duração das conversas

DATA	BAIANA (nome fictício)	DURAÇÃO APROXIMADA (minutos)
25/03	Lia	43
15/04	Gil	49
15/04	Eva	14
15/04	Sol	20
21/04	Mia	23
21/04	Luz	25
21/04	Lua	13
23/04	Mel	34
23/04	Mah	27
TOTAL (minutos)		248

Foram transcritos aproximadamente 248 minutos de conversas, resultando em um corpus de 40 páginas de informações detalhadas sobre o cotidiano das mulheres participantes do estudo. Para preservar suas identidades, nomes fictícios foram adotados, selecionados com critérios que priorizam a simplicidade e a clareza, visando facilitar a compreensão pelos leitores.

Tais narrativas são demonstradas em cinco eixos temáticos, que serão desenvolvidos nos resultados e discussão deste artigo, com os seguintes títulos: a) A baiana de acarajé e sua motivação em exercer o ofício; b) O tabuleiro da resistência; c) As relações entre as baianas de acarajé: harmonia, tensões e o papel da ABAM; d) Motivações e desafios das baianas de acarajé em espaços públicos; e; e) A questão do meio ambiente.

Temáticas que expressam as interpretações, análises e reflexões em relação aos atores humanos ou não-humanos que subsidiam a relação das baianas com o ambiente de trabalho e o uso dos espaços públicos no cotidiano. Tem-se aqui o que John Law e Annemarie Mol (2008) apontam ao refletir sobre as atuações dos diferentes atores e sua rede de relações, já que informam que o ator ou atriz não age sozinho/a, o ser e o agir ocorrem juntos, ressaltando a multiplicidade de um ator ou atriz em determinado contexto.

Resultados

A praia é reconhecida como um ambiente democrático e livre, conforme destacado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2007), e esse caráter se

manifesta na demanda por atividades comerciais. Na atualidade, no contexto brasileiro, a praia e o comércio estão intrinsecamente ligados, representando uma co-ocorrência, na qual um não existe sem o outro, como ressaltado por Fagner Marçal e Andréa Borde (2010). Durante a primeira observação realizada, ou seja, a observação do território-local de trabalho das baianas, essa relação foi claramente percebida, ao evidenciar uma organização do uso do espaço por parte das/os trabalhadoras/es.

Essa interação entre a praia e o comércio, tanto formal quanto informal, evidencia a complexidade e a dinâmica desse ambiente, destacando a necessidade de compreender as relações entre as pessoas envolvidas, os conflitos existentes e a organização do espaço.

Refletindo sobre as pesquisas que abordam o trabalho informal no litoral, como discutido por Maria Christina Araújo et al. (2012), Débora Xavier, Jorge Falcão e Camila Torres (2015) e Permínio Vidal Junior (2017), foram observados homens e mulheres, de meia idade, e um número reduzido de jovens, que atuavam no comércio informal nas praias. Os homens desempenham atividades ambulantes, as mulheres estão principalmente envolvidas na comercialização de alimentos, com destaque para o acarajé.

Através das observações realizadas constatamos essa divisão do trabalho informal entre homens e mulheres. Havia dezenas de baianas de acarajé ao longo da orla das praias da Barra, tanto no calçadão quanto na faixa de areia. As baianas mais jovens caminhavam pela faixa de areia, oferecendo aos banhistas os tradicionais bolinhos de feijão fradinho fritos no azeite de dendê - o acarajé -, enquanto as baianas de meia idade preparam a massa e fritam os quitutes nos tabuleiros.

Esse cenário de oferta/divulgação de produtos do comércio de praia é permeado por atrativos visuais, são utilizados diversos repertórios na tentativa de atrair clientes por parte dos trabalhadores, que utilizam frases chamativas, palavras repetitivas e músicas para chamar a atenção. De acordo com Mary Jane Spink et al. (2014), os repertórios linguísticos desempenham um papel importante como meio de comunicação.

Os tabuleiros das baianas de acarajé se comunicam de maneira semelhante, utilizando de estruturas, equipamentos e estratégias de divulgação. Durante as observações, foi possível perceber as características de seis tabuleiros específicos, resultando na elaboração do Quadro 2, que descreve essas características em detalhes.

Quadro 2

Características físicas dos tabuleiros localizados nas praias da Barra em relação à estrutura, aos equipamentos e meios de divulgação

Estrutura / ambiente	Equipamentos	Divulgação
Tabuleiro 1 Quiosque/ calçadão	Tabuleiro de madeira e vidro, panelas de alumínio, caixa térmica, tacho de alumínio, fogão pequeno, botijão, utensílios de alumínio e cadeiras	Placas de identificação do quiosque
Tabuleiro 2 Toldo / calçadão	Tabuleiro de madeira, panelas de alumínio, caixa térmica, bandejas, utensílios de alumínio, fogão pequeno, botijão, utensílios e cadeiras	Placas de identificação do toldo
Tabuleiro 3 Toldo / calçadão	Tabuleiro de madeira e vidro, panelas de alumínio, caixa térmica, tacho de alumínio, fogão pequeno, botijão, utensílios de alumínio e bancos de plástico	Cardápio impresso no toldo utilizado como uma parede
Tabuleiro 4 Toldo / calçadão	Tabuleiro de madeira e vidro, panelas de alumínio, caixa térmica, tacho de alumínio, fogão pequeno, botijão, utensílios de alumínio e cadeiras	Placa de identificação no toldo
Tabuleiro 5 Sobreiro / faixa de areia	Tabuleiro de madeira, vasilhas de plástico, panelas de alumínio, bancos de plástico, fogão pequeno, botijão, caixa térmica e bancos plásticos	Oferta de cardápio

Tabuleiro 6 Sobreiro / faixa de areia	Tabuleiro de madeira, Panelas de alumínio, caixa térmica, fogão pequeno, botijão, utensílios e bancos plásticos	Oferta de cardápio
---------------------------------------	---	--------------------

Observar como os tabuleiros comunicam, contribui para uma compreensão mais aprofundada da estrutura e dinâmica do comércio informal nas praias, assim como os repertórios, que são essenciais nas interações comerciais e no comportamento dos/as trabalhadores/as com os/as clientes e com o ambiente.

Durante a condução das observações, foi possível identificar que o local de trabalho das baianas, participantes da pesquisa, estava permeado por um clima hostil e de insegurança em decorrência experimentei da presença imponente de dezenas de policiais e agentes de fiscalização da prefeitura, como ilustrado na Imagem 1. Essa situação decorreu de um incidente envolvendo um atentado com arma de fogo, no qual uma pessoa foi alvejada no dia anterior, nas proximidades da faixa de areia do Porto da Barra.

Imagen 1

Ação policial e fiscal - Praia Porto da Barra - 01/2023



Uma das baianas de acarajé explicou que o incidente ocorrido é algo corriqueiro, devido ao tráfico de drogas na região. Além disso, ela demonstrou conhecer bem o desenrolar dos episódios, pois ressaltou que a tensão existente no local iria se intensificar.

Por precaução, a observação prosseguiu em direção ao Farol da Barra. Durante o percurso, o calçadão da praia estava repleto de pessoas, assemelhando-se a um período de carnaval, com muito barulho, agitação e movimento frenético.

Contudo ao deparar-me com o Tabuleiro 2, próximo a alguns banheiros químicos no Farol da Barra, como ilustrado na Imagem 2, experimentei um desconforto que inviabilizou a continuidade da observação. O forte odor de urina que se propagava no local, devido à direção do vento, foi o fator determinante para essa interrupção. Me questionei o quanto desafiador é trabalhar nesse ambiente, assim como o quanto impactaria negativamente as vendas, porém não consegui conversar com as baianas que atuavam na proximidade.

Imagen 2

Banheiros químicos - Praia Farol da Barra - 01/2023



Durante as observações dos Tabuleiros 5 e 6, presentes na faixa de areia das praias da Barra, fui levada a fazer algumas reflexões. Um aspecto que chamou atenção foi a diversidade da apresentação dos tabuleiros utilizados pelas baianas de acarajé. Alguns tinham uma aparência cuidadosa e organizada, como mostrado na Imagem 3, enquanto outros pareciam ser desorganizados, como demonstra a Imagem 4.

Imagen 3

Tabuleiro de acarajé - Praia da Barra - 29/01/2023



Imagen 4

Tabuleiro de acarajé - Praia da Barra - 22/01/2023



Essa variação me levou a questionar se essa diferença seria reflexo de uma disponibilidade financeira limitada ou de uma falta de orientação sanitária dos órgãos públicos que regulam tal atividade. Ao trabalhar com alimentos, é obrigatório ter um cuidado adequado, uma vez que alimentos estragados podem causar danos à saúde dos consumidores (Magalhães, 2012).

Ao analisar a Imagem 3, é possível perceber que os tomates estão sendo cortados na hora de montar os pratos com os bolinhos fritos, o que reduz a possibilidade de que a salada estrague. Por outro lado, na Imagem 4, nota-se uma panela de camarão destampada exposta no paredão, assim como os utensílios utilizados.

De acordo o Decreto Número 26804, no Artigo 8º, inciso XIV, é proibido à baiana de acarajé manter os equipamentos e utensílios sem a devida manutenção e higiene, assim como visualizado na Imagem 4.

Essas reflexões evidenciam a necessidade de garantir boas práticas de manipulação e preparo de alimentos, assim como dispor de recursos materiais necessários. A análise das imagens exibidas traz à tona a necessidade de reforçar a orientação e a capacitação das baianas de acarajé no sentido de assegurar a qualidade e segurança dos alimentos oferecidos.

Houve significativa preocupação ao observar a cena da criança sentada em um botijão de gás, sob o sombreiro (Imagen 4), o que suscitou reflexões sobre a necessidade de trabalhar em um ambiente precário como a praia e expor uma criança a um risco tão significativo, seria por motivo de necessidades financeiras extremas? Durante as conversas realizadas, foram relatadas situações em que algumas baianas obtinham um bom faturamento, mas também houve relatos de que dependiam das vendas diárias para adquirir os materiais necessários para o próximo dia de trabalho. Esses relatos evidenciaram a complexidade da realidade laboral das baianas de acarajé, destacando as diversas circunstâncias e desafios enfrentados por essas trabalhadoras.

A Imagem 4 também despertou o interesse de compreender em que medida as baianas de acarajé se relacionam com aspectos muitas vezes banalizados no uso dos espaços públicos, como é o caso do lixo. Próximo ao tabuleiro na imagem, há um recipiente para descarte de lixo que já está transbordando, e esse é o espaço disponível para o desempenho do ofício daquela trabalhadora. Além disso, diversos banhistas estão próximos a essa lixeira, sentados em suas cadeiras, aproveitando o dia de sol, e aparentemente não se incomodam com essa situação.

Eixos temáticos

A baiana de acarajé e sua motivação em exercer o ofício

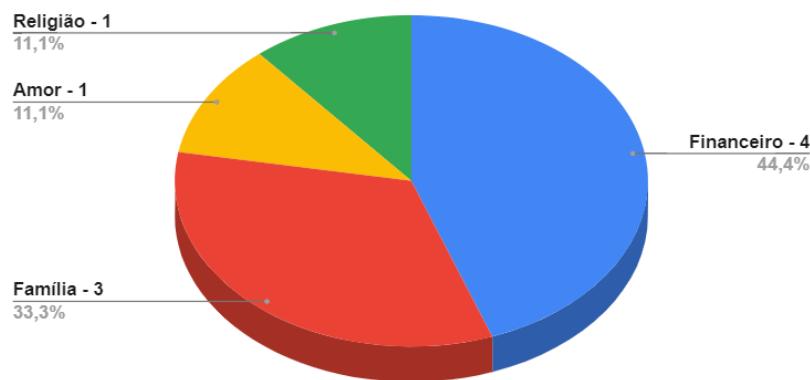
Ao questionar as baianas de acarajé sobre os motivos que as levaram a se tornar parte deste ofício, de acordo com as informações expostas no Gráfico 1, quatro delas indicaram ser por questão financeira. Notavelmente, a baiana Sol mencionou que sua motivação para se tornar uma baiana de acarajé foi puramente baseada no amor pelo trabalho:

Eu sempre trabalhei, sempre vim para a praia no sábado, domingo e feriado, como meus patrões do meu trabalho não me liberavam durante a semana, então eu trabalhava no final de semana na praia, eu já tenho aqui 45 anos e amo a praia. Já estou chegando aos 80 anos, me aposentei

cedo e continuo trabalhando, se tiver que falar então foi por causa disso, porque eu amo a praia (Sol).

Gráfico 1

Motivação em ser baiana de acarajé



Essas respostas indicam que os fatores motivadores para se tornar uma baiana de acarajé são multifacetados e podem variar de acordo com a situação e as aspirações individuais. A necessidade financeira parece ser uma força motriz comum, possivelmente impulsionada pela busca por uma fonte de renda. Por outro lado, a influência familiar e religiosa também desempenha um papel significativo, indicando como os aspectos culturais podem moldar a escolha dessa profissão. A perspectiva de Sol, baseada no amor pelo trabalho, ressalta a relevância do prazer e do significado pessoal associados a essa ocupação, além dos aspectos econômicos.

O tabuleiro da resistência

O tabuleiro da baiana de acarajé é um reduto de resistência, desde o período colonial, conforme afirma o IPHAN, quando essas mulheres vendiam o acarajé nas ruas com o tabuleiro na cabeça (IPHAN, 2007), perpetuando até os dias atuais, quando observamos o intrincado processo produtivo do tabuleiro e a dedicação incansável das mulheres que o gerenciam. A maioria delas vivencia a fase inicial dessa rotina desafiadora de forma solitária, e, como enfatizado por todas as participantes deste estudo, essa tarefa requer uma organização impecável e um comprometimento incansável.

O gerenciamento do tabuleiro inicia na compra dos produtos e encerra na organização da cozinha, ao retornar para casa após a venda. A maioria das baianas relataram ser elas a irem

às feiras para realizar as compras dos itens necessários, com algumas exceções aplicadas à baiana Eva, que dispõe do auxílio de seu pai, que realiza as compras dos materiais aos sábados ou domingos. Também a baiana Gil informou que: “compro as coisas que preciso por encomenda e a pessoa entrega a cada 2 dias em minha casa”.

O processo produtivo das baianas de acarajé começa muito cedo, geralmente entre 03:30 e 05:00, quando ainda estão em casa. Nesse momento, elas preparam todos os itens que compõem o tabuleiro, como vatapá, caruru, salada, a massa do acarajé, entre outros. A maioria das baianas realiza essa rotina sozinha e, conforme relatado por todas as participantes do estudo, é um trabalho árduo que exige organização e dedicação.

A fim de otimizar o tempo, a maioria delas antecipa o máximo possível do trabalho no dia anterior: isso inclui atividades como limpar camarões, processar temperos e cortar quiabos. Essa antecipação permite-lhes que iniciem o processo produtivo de forma mais eficiente no dia seguinte. A baiana Lia compartilhou sua rotina, que envolve essas atividades ao longo de cinco dias da semana:

Levanto 5 horas da manhã, vou para a cozinha, me organizo, eu faço tudo no dia, vatapá, caruru, a salada, camarão, deixo o camarão catado de um dia para o outro, aí no outro dia eu só preparam, o caruru já deixo cortadinho e no outro dia eu coloco no fogo, a massa do abará pronta no outro dia eu coloco no fogo. Quando eu chego em casa, bato os temperos, se não tiver camarão catado eu vou catar, se não tiver cocada pronta eu vou ter que preparar o côco para poder fazer a cocada. Eu folgo terça e quarta, eu trabalho quinta, sexta, sábado, domingo e segunda. Terça-feira eu reponho o material e quarta-feira eu tiro para mim, para descansar, porque no que eu reponho material eu já meto a mão no camarão, já adianto algumas coisas, aí na quarta vou descansar, se tiver que ir numa praia eu vou, se tiver alguém para visitar eu vou, meus médicos eu só marco na quarta. Tenho que me organizar para dar conta, se não, não dá, é muito trabalho (Lia).

Essas narrativas ilustram a intensidade do trabalho das baianas de acarajé e a organização cuidadosa para garantir a produção adequada dos alimentos vendidos. A antecipação de tarefas é uma estratégia adotada para otimizar o tempo e lidar com a demanda diária. Esse aspecto ressalta o compromisso e a dedicação das baianas para atender às expectativas dos clientes e manter a qualidade de seus produtos. Práticas que revelam a resiliência das baianas, que enfrentam diversas lutas diárias, seja em aspectos que envolvem o ciclo produtivo, seja estruturais ou logísticos, para preservar vivas as tradições no tabuleiro.

É imperativo situar as exposições sobre o trabalho das baianas de acarajé dentro do contexto mais amplo do trabalho feminino, especialmente do trabalho não remunerado que recai

sobre elas. Angela Davis (2016) argumenta que as mulheres negras frequentemente enfrentam uma dupla ou tripla jornada, combinando trabalho remunerado com responsabilidades domésticas e familiares não reconhecidas. A antecipação de tarefas, destacada como estratégia para otimização do tempo e resposta à demanda diária, reflete não apenas o compromisso e a dedicação das baianas em manter a qualidade de seus produtos e satisfazer os clientes, mas também revela sua resiliência diante de desafios estruturais e logísticos.

O deslocamento das baianas de acarajé de suas residências até o local de trabalho é realizado por meio de transporte particular, como carros particulares ou por meio de aplicativos de transporte. Contudo, o transporte diário é feito apenas dos alimentos e utensílios necessários, uma vez que a estrutura física do tabuleiro é armazenada em espaços alugados nas proximidades. Contextos que refletem na variação de gastos que essas trabalhadoras vivenciam.

Haja visto que, durante períodos de alta demanda, como horários de pico e eventos, os preços dos serviços de transporte por aplicativo tendem a aumentar, elevando os gastos. Além disso, o armazenamento da estrutura física do tabuleiro em espaços alugados próximos ao local de trabalho adiciona um custo fixo adicional. Essas despesas variáveis e fixas reduzem a margem de lucro das baianas de acarajé, afetando a sustentabilidade financeira de suas atividades no tabuleiro.

A organização do tabuleiro varia de acordo com a localização das baianas. Para aquelas que atuam em quiosques no calçadão, o processo de organização começa com a limpeza do local, garantindo um ambiente adequado para o preparo e a venda dos alimentos. Já para as baianas que atuam na faixa de areia, a primeira etapa envolve a montagem e a instalação do sombreiro, que serve como uma demarcação visual do espaço de trabalho.

A atuação das baianas nos tabuleiros, de acordo com as participantes deste estudo, geralmente envolve o auxílio de outras pessoas. Essas/es ajudantes, trabalhadoras/os que são monetariamente recompensadas/os, podem variar de uma pessoa a um máximo de quatro, que podem ser familiares ou conhecidos. Não obstante, é necessário destacar que essas pessoas não são fixas e sua presença depende da disponibilidade.

Nos tabuleiros em que há mais de uma pessoa auxiliando a baiana, é comum observar que as vendas são registradas em um caderno, anotando-se a quantidade e a pessoa responsável pelo atendimento, uma vez que o pagamento no final do dia é baseado na produtividade individual.

É notável que, nesses tabuleiros, as inúmeras tecnologias comerciais, como máquina de cartão de crédito/débito e/ou transação bancária via pix, parecem ainda não ter ocorrido, mantendo o processo de venda com um toque artesanal, onde as transações são registradas à

moda antiga, em um caderno, refletindo a tradição do comércio deste ofício. Porém, desperta a discussão sobre as condições de trabalho das baianas, pois portar ou não tais tecnologias podem ser uma forma de perceber o poder aquisitivo e as políticas sociais locais/nacionais de valorização/incentivo ao trabalho dessas mulheres.

Essa configuração produtiva dos tabuleiros é validada pelo IPHAN (2007) em seu dossiê sobre o ofício das baianas de acarajé. Segundo o IPHAN, na maioria dos casos, os tabuleiros são considerados pequenas unidades produtivas criadas para a sobrevivência das baianas, e suas relações de trabalho são baseadas em vínculos familiares, pessoais ou sociais. Sendo possível também denominar essa organização produtiva de nanoeconomia, o que, de acordo com Peter Spink (2009, p. 231), é “a batalha cotidiana para criar possibilidades, o dia a dia dos microeventos da economia popular, a solidariedade que vem do reconhecimento da situação do outro”, assim como ocorre nos tabuleiros.

Essa descrição ressalta a relevância dos laços familiares e sociais na prática do ofício das baianas de acarajé, onde parte do trabalho é realizado de forma colaborativa com o apoio de pessoas próximas, mais precisamente a que está relacionada à preparação/organização do tabuleiro e a venda do acarajé. Essa dinâmica reflete a transmissão de conhecimentos e habilidades de geração em geração, perpetuando a tradição e a cultura envolvidas nesse ofício.

As relações entre as baianas de acarajé: harmonia, tensões e o papel da ABAM

Quando abordadas sobre seus relacionamentos com as demais baianas de acarajé que atuam nas proximidades, a maioria das participantes relatou que conseguem conviver bem; isto é, conseguem dialogar, e em alguns momentos se auxiliam. Apesar disso, houve um relato que descreveu a convivência como um desafio constante, expressando a sensação de estar entre a “cruz e a espada”, ou seja, sem alternativa.

Outro relato informou que, por se destacar, a participante reconhece que sua presença incomoda algumas outras baianas. A baiana Gil compartilhou sua experiência ao descrever: “Existe um relacionamento, porém cada um é por si. Em geral, as baianas não querem se ajudar no processo, cada uma fica no seu pedaço e pronto. É a lei de Murici, cada um por si.”

Essas narrativas destacam a dinâmica complexa dos relacionamentos entre as baianas de acarajé na área de atuação. Embora a maioria das baianas avaliem a convivência entre elas como sendo harmoniosa, os relatos também evidenciam a existência de tensões e rivalidades. A consideração de que cada uma busca sua própria trajetória e reluta em colaborar umas com as outras exibe um ambiente competitivo e individualista. A expressão “lei de Murici” utilizada

por Gil sugere uma mentalidade de autopreservação e competição, em que cada baiana busca proteger seus próprios interesses.

Além das narrativas fornecidas pelas participantes, também foi observado esses comportamentos por meio das expressões corporais, isto porque notei que, em alguns casos, as baianas diminuíram o tom de voz ou indicavam relutância em discutir essa questão específica de relacionamento. Essa atitude pode ser atribuída à cultura local de Salvador, onde é comum a ênfase na necessidade de estabelecer conexões sociais. Portanto, essas evidências corroboram em compreender não apenas o discurso verbal, mas também as nuances não-verbais presentes nas interações sociais das baianas de acarajé.

Em relação à Associação das Baianas de Acarajé da Região Metropolitana de Salvador (ABAM), as baianas participantes informaram que são associadas e destacaram os benefícios proporcionados pela associação, ao mencionarem que a ABAM oferece suporte em questões como licenciamento, treinamentos e comunicação e que, durante o período da pandemia, muitas delas foram auxiliadas com cestas básicas. Apenas a baiana Luz informou que não é associada. Todavia, ela ressaltou a necessidade de fazer parte desse modelo organizativo, reconhecendo a relevância salientando: "Eu sei que tenho que resolver isso, já que estou aqui no ponto, preciso organizar. Além disso, em algumas situações, como quando há fiscalização ou notificações, ser associada facilita a resolução dessas questões."

As narrativas das baianas destacaram a relevância da ABAM como uma entidade que auxilia e fortalece as baianas de acarajé em vários aspectos de suas atividades laborais. A associação desempenha um papel crucial no fornecimento de suporte, de orientação e de representação, contribuindo para a organização e defesa dos interesses das baianas de acarajé. A importância de estar associada é enfatizada, uma vez que traz benefícios práticos, como o acesso a recursos e à resolução de questões burocráticas, além de ser um espaço de apoio e de solidariedade entre as baianas.

As tensões entre as baianas, baseadas em uma dinâmica de individualismo e competitividade, podem prejudicar a coesão da organização coletiva por meio da associação. A prevalência de uma mentalidade voltada para interesses pessoais pode dificultar a solidariedade necessária para fortalecer a ABAM como uma entidade representativa e de apoio mútuo. Isso pode comprometer a capacidade da associação em oferecer suporte eficaz, como licenciamento, treinamento e defesa de direitos, além de reduzir a eficácia da resposta coletiva a desafios comuns, como crises ou pressões regulatórias. Portanto, mitigar essas tensões requer incentivar uma cultura de colaboração, confiança mútua e apoio entre as baianas, promovendo uma maior coesão e sustentando os benefícios coletivos que a associação pode proporcionar.

Motivações e desafios das baianas de acarajé em espaços públicos

Quanto à escolha do ambiente de trabalho ser praias turísticas, as baianas de acarajé forneceram uma série de explicações detalhadas em resposta à pergunta "Baiana, por que trabalhar na praia?". Essas explicações refletem as diversas motivações e desafios enfrentados por elas ao trabalhar em espaços públicos, abrangendo aspectos econômicos, familiares e pessoais. A seguir, o Quadro 3 resume essas respostas, destacando as razões específicas de cada baiana para optar por esse local de trabalho:

Quadro 3

Baiana, por que trabalhar na praia?

BAIANA	RESPOSTA
Lia	Uma vizinha me ofereceu, porque ela teve derrame e não podia mais trabalhar e as filhas dela não quiseram, eu me sentava ali na balaustrada, eu armava a barraquinha ali, dali a prefeitura me colocou aqui, foi quando eles fizeram os quiosques, e estou aqui até hoje, graças a Deus.
Gil	Não escolhi trabalhar na praia, simplesmente é uma questão de família, foi passando de avó, minha avó tem 80 e poucos anos e não trabalha mais, e depois para minha mãe e agora para mim.
Eva	Porque só tive essa oportunidade, e porque minha mãe já trabalhava aqui.
Sol	Minha irmã trabalhava aqui e me trazia. Eu gostei, ela me deu este ponto que era dela e ela ficou no outro ponto dela.
Mia	Eu trabalhava no Campo Grande, saí, vim para a praia, porque aqui tem mais movimento no verão. Aqui eu trabalho sentada e na rua eu trabalhava andando, com o tabuleiro na cabeça. Ficou mais tranquilo.

Luz	Quando minha mãe parou de vir, aqui ficou um tempo sem ninguém, aí quando a situação apertou eu precisei vir e assumi o tabuleiro, não podia ficar sem dinheiro.
Lua	Minha mãe trabalhava aqui, tem 85 anos esse ponto, antes de minha mãe era minha avó, então foi mais por uma questão de família.
Mel	Ocorreu um convite, pois precisavam de uma baiana no ponto.
Mah	Porque aqui é um ponto turístico.

Essas justificativas evidenciam as motivações das baianas de acarajé em trabalhar nas praias turísticas, que abrangem tanto fatores econômicos quanto elementos afetivos, relacionados à tradição familiar. Essas considerações estão em consonância com as reflexões de Peter Spink (2009), que aponta para a interseção entre a materialidade do local, a busca por um trabalho regularizado e a realidade precária do trabalho encontrado. Nesse sentido, destaca-se a relevância em adotar uma postura de valorização do papel desempenhado pelas baianas de acarajé nesse contexto de economia informal.

Ao serem questionadas sobre como é trabalhar em um espaço público, as baianas de acarajé demonstraram diferentes perspectivas. Algumas delas consideraram a experiência normal, igualando a situação de trabalho em qualquer outro local, enquanto outras expressavam preocupações relacionadas à segurança, a exemplo da baiana Mia que falou de sua preocupação com a violência, argumentando que, em outras épocas ela saia com seu tabuleiro à tarde e voltava à noite, mas agora precisava ser mais cautelosa devido à criminalidade. A baiana Gil também destacou a necessidade de estar constantemente atenta aos assaltos e ao tráfico, mencionando um aumento dessas questões após a pandemia:

Em geral é tranquilo, porém tenho que ficar atenta a todo tempo, devido a assaltos, ao tráfico, pois está tendo muito e tem pouca segurança, eu nunca tinha vivenciado isso na praia como está hoje, depois da pandemia para cá mudou muito. Diversas vezes os clientes precisaram sair correndo, então quando isso acontece acaba vendendo pouco, isso é ruim. Mas é preciso viver o lema dos três macacos - cego, surdo e mudo - para sobreviver (Gil).

Outras colocações das baianas estão relacionadas ao poder público e à prefeitura. A baiana Lua relatou que paga suas taxas à prefeitura, mas enfrenta dificuldades quando há

eventos e precisa sair sem ter outro local para trabalhar, sem receber qualquer compensação financeira.

A baiana Mel destacou os dois lados da experiência de trabalhar em espaço público: a gratificação de interagir com as pessoas e o lado negativo de ser perseguida pelas autoridades, pois ela percebe que o poder público dificulta a rotina de trabalho, quando fiscalizam de forma desnecessária. Esse relato de Mel deve ser contextualizado dentro das discussões sobre racismo estrutural e institucional, políticas higienistas e necropolítica considerando que a maioria das/os trabalhadoras/es informais são pessoas negras e de comunidades periféricas.

Segundo Achille Mbembe (2016), a necropolítica refere-se ao uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer. Essa perspectiva é útil para entender como as políticas de fiscalização e criminalização do trabalho informal operam como mecanismos de controle social e exclusão, perpetuando a vulnerabilidade e marginalização das/os trabalhadoras/es informais. A abordagem higienista, frequentemente utilizada para justificar essas ações, não apenas marginaliza economicamente essas/es trabalhadoras/es, mas também reforça estígmas raciais e de classe.

O trabalho informal, predominado por pessoas negras e de baixa renda, é muitas vezes tratado como um problema a ser eliminado, em vez de uma atividade econômica legítima que merece apoio e reconhecimento. Essa atitude reflete o racismo estrutural, onde políticas públicas e ações governamentais perpetuam desigualdades e exclusões. O relato de Mel exemplifica como as políticas públicas, ao invés de integrar, podem oprimir e marginalizar.

Por sua vez, a baiana Mah mencionou sua preferência por trabalhar em espaço público, pois apenas a prefeitura poderia impedi-la de trabalhar, mas ressaltou a necessidade de ter “sangue de barata” (expressão utilizada por Mah), ou seja, alguém com “sangue de barata” não se deixa abalar facilmente, mostrando uma capacidade incomum de manter a calma e a compostura mesmo sob pressão ou em situações adversas.

A baiana Lia destacou o relacionamento com outros atores que compartilham o espaço público. Ela mencionou a presença de moradores em situação de rua, que podem utilizar o quiosque para dormir ou fazer necessidades fisiológicas, o que demanda gastos extras com materiais de limpeza. Lia também mencionou a necessidade de fiscalização por parte da prefeitura, para garantir que todos cumpram as mesmas exigências e não haja privilégios:

Como o quiosque é aberto, os moradores de rua utilizam para dormir, podem fazer xixi, então tenho que gastar muito com material de limpeza, como não tem água, tenho que trazer água no balde para lavar. A prefeitura ajuda, mas eu acho que eles deveriam fazer um pouco mais, tipo está pedindo licença sempre, porque chega pessoas aqui que não

tem licença, que a gente nem conhece, senta, trabalha, eles dão uma desculpa e acaba ficando. Não pode ser assim, eles deveriam fiscalizar mais. A exigência que tinha que ser para uma, tinha que ser para todas (Lia).

Essas diferentes perspectivas evidenciam os desafios e as complexidades enfrentadas pelas baianas de acarajé ao trabalharem em espaços públicos. Questões relacionadas à segurança, relação com o poder público e a coexistência com outros atores sociais são mencionadas, evidenciando a multiplicidade e abrangência das questões que compõem as experiências dessas trabalhadoras. Em relação ao fechamento antecipado do tabuleiro de acarajé devido a algum tipo de problema, a maioria das baianas relatou que somente questões relacionadas à natureza ou clima, como chuva intensa ou maré alta - atores não humanos -, as levam a fechar o tabuleiro mais cedo.

Além disso, a baiana Lia relatou que precisou evitar trabalhar em um período específico do ano: o carnaval:

Só o Carnaval que eu prefiro não trabalhar, porque não tem condições, aqui não tem fiscalização, não tem policiamento, a polícia fica lá embaixo no Farol. Vem muita gente de fora, muito maloqueiro de fora. Eles fazem casa, tudo aqui atrás do quiosque, são pessoas que eu nunca vi, então você não pode chamar atenção. Os daqui se fizerem alguma coisa, um barulho a mais e tiver incomodando, eu chego aqui do lado e falo. Eles não respondem, me escutam e falam: a gente está incomodando, Dona Lia? Bora sair daqui. Já os de fora não, eu não me exponho, eles começam a brigar, um ferre o outro, é correria, é sangue. No carnaval tem dias que amanhece isso aqui tudo melado de sangue, não trabalho no carnaval não, pois é sem condições (Lia).

Essas justificativas e relatos mostram a complexidade das experiências das baianas de acarajé, destacando as motivações econômicas e afetivas para trabalharem em praias turísticas, bem como os desafios diários que enfrentam, desde questões de segurança até interações com o poder público e outros atores sociais.

A questão do meio ambiente

Em relação aos problemas ambientais que podem interferir no trabalho das baianas de acarajé, algumas medidas preventivas foram mencionadas durante as entrevistas. Por exemplo, todas as baianas destacaram a necessidade da limpeza, tanto em relação à retirada do lixo quanto à limpeza do ambiente de trabalho. Inclusive todas as baianas dispõem de recipientes próprios para o descarte do lixo produzido no tabuleiro.

A baiana Sol mencionou que os funcionários da prefeitura realizam a limpeza de forma adequada, enquanto a baiana Eva ressaltou a falta de lixeiras suficientes na praia, o que leva as pessoas a jogarem lixo em qualquer lugar, além de pontuar que não é comum as/os banhistas terem o cuidado adequado com o lixo, dificultando mais ainda a manutenção da praia limpa. Essas diferentes considerações destacam a conservação de um ambiente limpo e organizado para o desenvolvimento do trabalho das baianas.

A questão da balneabilidade imprópria da água é mais um problema ambiental destacado pelas participantes. Segundo Luciano da Silva Alves, Bruno Machado e Diego Oliveira (2020), a falta de infraestrutura adequada de saneamento básico nas áreas costeiras de Salvador-BA pode ser apontada como um dos principais fatores para a degradação da qualidade da água para o banho. Essa situação evidencia a necessidade de investimentos e ações por parte dos órgãos responsáveis para garantir a qualidade das águas costeiras e a segurança dos banhistas. A baiana Luz mencionou que, para ela, quando a água está imprópria para banho, isso acaba sendo positivo, pois os clientes ficam mais próximos do tabuleiro e mais distantes da água, o que aumenta suas vendas.

A falta de banheiros adequados também foi mencionada como um problema por algumas baianas. Uma delas mencionou que utiliza o banheiro do depósito onde guarda seus materiais de trabalho, enquanto a outra precisa solicitar o uso dos banheiros dos restaurantes próximos, quando necessário. Essa falta de infraestrutura sanitária pode ser um desafio para as baianas, que dependem de um acesso adequado a banheiros durante o período de trabalho, considerando que são mulheres e que menstruam.

Essas considerações evidenciam a abordagem dos problemas ambientais, que podem afetar o trabalho das baianas de acarajé. A implementação de medidas de limpeza e gestão adequada do lixo, a garantia da qualidade da água da praia e a disponibilidade de banheiros adequados são questões relevantes a serem consideradas para proporcionar um ambiente saudável e adequado para as baianas e para seus clientes.

Considerações Finais

Este artigo apresentou o cotidiano das baianas de acarajé que trabalham nas praias da Barra, analisou suas relações com o ambiente de trabalho e o uso dos espaços públicos. Através das informações co-construídas nessas praias, no decorrer deste artigo, uma série de pontos de interesse e de relevância emergiram, contribuindo para a compreensão das dinâmicas interligadas nesse território.

As baianas de acarajé desempenham um papel significativo na cultura, na economia e no turismo baiano e brasileiro, transmitindo tradições culinárias afro-brasileiras e sendo reconhecidas como parte do patrimônio imaterial do Brasil. Observou-se que as baianas de acarajé ocupam as praias turísticas de Salvador como um ambiente propício para o comércio informal, devido a demanda de turistas e frequentadores locais.

No entanto, elas enfrentam dificuldades relacionadas à falta de estrutura adequada, seja em seus lares, no preparo dos itens, seja no transporte, já que muitas delas utilizam do transporte público, e no tabuleiro, envolvendo questões de segurança urbana e restrições impostas pelo poder público. Necessária reflexão sobre esses aspectos por se tratar de um ofício reproduzido por gerações, permeado por naturalizações que obscurecem tais temáticas.

Este estudo adotou uma abordagem construcionista e utilizou princípios da Teoria Ator-Rede para compreender as interações entre os atores humanos e não humanos nesse contexto. Ao observar o cotidiano das baianas de acarajé, foi possível perceber a dinamicidade, a resistência e a complexidade das redes - relações sociais, históricas e culturais - envolvidas. Por meio da produção das informações em campo, este estudo contribuiu para a compreensão das relações das baianas de acarajé com o ambiente de trabalho e o uso dos espaços públicos.

Portanto, espera-se que este artigo estimule discussões e reflexões adicionais, como o uso de outros espaços públicos pelas baianas de acarajé, incluindo bairros periféricos e outras cidades brasileiras. Assim, a visibilidade do ofício dessas trabalhadoras pode fornecer subsídios importantes para a elaboração de políticas públicas que promovam condições mais favoráveis para o exercício dessa atividade, reconhecendo sua relevância histórica, econômica e cultural.

De acordo com os resultados desta pesquisa, sugere-se que as políticas públicas possam, primeiramente, garantir infraestrutura básica nos locais de venda, incluindo saneamento, segurança alimentar e transporte adequado. Em relação à segurança urbana, adotar medidas para aumentar a proteção nas áreas onde as baianas operam, beneficiando tanto as trabalhadoras quanto os consumidores.

Por fim, sugestiona-se ao poder público oferecer cursos e treinamentos focados em empreendedorismo, gestão de negócios e boas práticas de higiene e segurança alimentar, capacitando todas as trabalhadoras. A revisão e flexibilização das restrições impostas pelo poder público também são necessárias, visando uma regulamentação que respeite e valorize a tradição e a importância cultural das baianas de acarajé para a identidade brasileira.

Referências

Andrade, L. G. A. D. (2016). *O ESPAÇO PÚBLICO DA PRAIA: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador.*
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/21131>

Associação das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivo e Similares. *Sobre a ABAM.*
 Disponível em: https://www.facebook.com/Associacaodasbaianas/?locale=pt_BR.
 Acesso em: 08 mai. 2023.

Araújo, M. C. B., Silva-Cavalcanti, J. S., Vicente-Leal, M. M., e Costa, M. F. (2012). *Análise do comércio formal e informal na Praia de Boa Viagem, Recife, Pernambuco, Brasil.* Revista de Gestão Costeira Integrada-Journal of Integrated Coastal Zone.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388340138008>

Bastide, R. (1960). *Cozinha africana e cozinha baiana.* Anhambi Magazine, 462-71.

Borges, F. M. (2008). *Acarajé: tradição e modernidade.*
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8774>

Brasil. (2007) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê Iphan 6: *Ofício das Baianas de Acarajé.* Brasília: Iphan.

Camillis, P. K. D., Bussular, C. Z., & Antonello, C. S. (2016). *A agência a partir da Teoria Ator-Rede: reflexões e contribuições para as pesquisas em administração.* Organizações & Sociedade, 23, 73-91. <https://doi.org/10.1590/1984-9230764>

Coelho, I. B. (2022). “*A gente vai mudando, se reinventando, se adaptando*”: as transformações no ofício das baianas de acarajé de Salvador e a informalidade. Patrimônio cultural e trabalho. *Laborare*, 5(8), 181-198. <https://doi.org/10.33637/2595-847x.2022-113>

Cordeiro, Mariana Prioli; Lopes, Felipe Tavares Paes; Brigagão, Jacqueline I. M. & Rasera Emerson F. (Orgs.). (2023). *Diálogos sobre construcionismo social: entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicinio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez.* Curitiba: CRV; IPUSP, 2023.

Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe.* Boitempo editorial.

Gomes, E. S. S., & de Jesus, M. L. (2020). Aspectos teórico-metodológicos e éticos na pesquisa qualitativa em psicologia social de base construcionista. *Quaderns de Psicologia*, 22(3), e1640-e1640. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1640>

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, 2(1), 223-244.

Law, J., & Mol, A. (2008). *The actor-enacted: Cumbrian sheep in 2001.* Material agency: Towards a non-anthropocentric approach, 57-77.

Latour, B. (2012). Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, Bauru: Edusc.

- Magalhães, L. M. (2012). *A higiene dos sentidos e os sentidos da higiene para as baianas de acarajé da cidade de Salvador, Bahia*. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/15259>
- Marçal, F.; Borde, A. (2010). *O mundo em Copacabana: uma análise morfológica do uso comercial na Praia de Copacabana*. III CINCCI -Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/51076332>
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & ensaios*, (32), 122-151.
- Reina, C. E. S. (2020). “*Isso aqui é uma barraca ou um consultório?*”: *sociabilidades de baianas e baianos de acarajé na cidade de São Félix*. Revista Eletrônica Discente História. com, 7(14), 256-272.
<http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/2575>
- Santos, V. (2013). *O sincretismo na culinária afro-baiana: o acarajé das filhas de Iansã e das filhas de Jesus*. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12689>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte [SEBRAE/RN]. (2007). *Pesquisa economia da praia: ambiente favorável ao lazer e aos negócios*. Natal.
- Silva Alves, L., Machado, B. B. N., & de Oliveira, D. F. (2020). *Balneabilidade das praias do litoral de Salvador-BA: investigação da interferência da precipitação nas densidades de Escherichia coli*. Revista Brasileira de Meio Ambiente, 8(4).
- Souza, A. F. (2014). *Tabuleiros e negociações: negras e mestiças nas ruas de Salvador*. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/15674>
- Spink, M. J. P. (2007). *Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social*. Psicologia & Sociedade, 19, 7-14.
- Spink, M. J., Brigagão, J., Nascimento, V., & Cordeiro, M. (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20, 70-77. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>
- Spink, P. K. (2009). *Micro cadeias produtivas e a nanoeconomia: repensando o trabalho decente*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 12(2), 227-241.
- Schucman, L. V. (2014). *Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), 6(13), 134-147.
- Vidal Júnior, P. O. (2013). Comida de rua e segurança de alimentos na orla marítima de Salvador-BA: um estudo na perspectiva do trabalho infantil.
<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11559>

Xavier, D. G. P., Falcão, J. T. R., e Torres, C. C. (2015). *Caracterização da atividade laboral de trabalhadores informais em praia de Natal (RN)-Brasil*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 18(1), 29-45.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v18n1p29-45>

Informações sobre os autores

Michele Damásio de Jesus

Endereço institucional: Universidade Federal da Bahia. Rua Caetano Moura, 107 - Federação, Salvador - BA, CEP: 40210-340.

E-mail: micheledamasio@yahoo.com.br

Juliana Aparecida de Oliveira Camilo

E-mail: julianacamilo@ufba.br

Contribuição dos Autores	
Autora 1	Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação.
Autora 2	Administração do projeto, Análise Formal, Supervisão, Metodologia, Validação.